Dossiê Registro Linguístico da Libras

Revista Diálogos (RevDia)

Panorama das principais estruturas formacionais da Língua Brasileira de Sinais

Fábio Vieira de Souza Júnior[1]
Vinícius Carvalho Pereira[2]

R E S U M O:
Assiste-se, na última década, a um rápido crescimento na área de Libras, tanto no que tange à formação de profissionais de nível superior para docência ou interpretação/tradução desse idioma, quanto para pesquisas referentes ao ensino, à descrição linguística ou às manifestações estéticas e culturais nessa língua. Em sintonia com esse movimento, o presente trabalho desenvolve uma revisão bibliográfica cujo objetivo é apresentar um panorama das principais estruturas de formação dos itens lexicais na Língua Brasileira de Sinais (Libras), seus cinco parâmetros formacionais: Configuração de mão, Locação, Movimento, Orientação da palma e Expressões não manuais, entre outros recursos linguísticos. Com base nos estudos de Quadros e Karnopp (2004), Faria-Nascimento (2009), Ferreira-Brito (1995) e Capovilla et al (2017), discute-se o papel desses recursos tanto na fonologia quanto na morfologia desta língua de modalidade visuo-espacial. A partir dessas descrições, ratifica-se o status linguístico da Libras como língua natural e humana e sistematizam-se elementos chaves de sua descrição estrutural.

PALAVRAS-CHAVE:

Libras;
Parâmetros formacionais;
Formação de itens lexicais;
Fonologia;
Morfologia;

[1] Professor do Departamento de Letras, Instituto de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Goiás. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem – PPGEL/UFMT (2018).
[2] Doutor e Mestre em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bacharel e Licenciado em Letras Português-Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor Associado II do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Estágio pós-doutoral na Universidade de Nottingham (UoN), no Reino Unido. Líder do grupo de pesquisa SEMIC - Semióticas Contemporâneas.

1 Introdução

As línguas de sinais são formas naturais de comunicação da maioria dos surdos e de participantes com os quais convivem: familiares, tradutores/intérpretes, entre outros. Trata-se da "principal força que une a comunidade Surda, o símbolo de identificação entre seus membros" (PEREIRA et al., 2011, p. 3), constituindo, assim, o seu maior patrimônio cultural e linguístico. Nas línguas de sinais, os enunciados são construídos pelas mãos e por expressões faciais e corporais, com sinais configurados na modalidade visual-espacial, feitos em frente ao corpo ou ancorados nele. Assim, as informações são recebidas pelos olhos, mãos e/ou tato[3].

Entre os primeiros estudos a respeito das línguas de sinais, destaca-se a análise linguística da American Sign Language feita por William Stokoe (1960). Desde então, diversas pesquisas linguísticas foram publicadas com análise e descrição de diferentes estratos das mais variadas línguas de sinais: fonológico, morfológico, semântico, pragmático e discursivo. Apesar do tardio reconhecimento do *status* linguístico das línguas de sinais, muitos pesquisadores têm desenvolvido trabalhos referentes à língua, à identidade e à cultura das comunidades surdas, garantindo a documentação e preservação desse material. Nesse escopo, destacamos como ainda necessário o aprofundamento em determinadas estruturas linguísticas, a exemplo dos cinco parâmetros formacionais dos sinais, objeto do presente artigo, com vistas a contribuir para a compreensão de fenômenos fonológicos e morfológicos das línguas de sinais.

2 Estruturas linguísticas das línguas de sinais

A Linguística enquanto ciência tem como objeto de estudo as linguagens naturais e humanas. Quadros e Karnopp (2004, p. 15) asseveram que "as línguas naturais podem ser entendidas como arbitrária e/ou algo que nasce com o homem", englobando, portanto, as línguas orais e as línguas de sinais.

Balizando-se na perspectiva chomskiana, Quadros (1997, p. 17) cita que "todos os seres humanos, independente dos mesmos usarem a voz ou as mãos, são dotados da faculdade da linguagem". As línguas de sinais são tão complexas quanto as línguas orais. Assim, todo surdo que nasce em uma comunidade de uso de língua a desenvolverá para fins de comunicação, preferencialmente as línguas de sinais (LIMA-SALLES; NAVES, 2010).

Fiorin (2013, p. 14) afirma que "a língua é um sistema de signos específicos aos membros de dada comunidade". Quando inseridos em uma comunidade de ouvintes

[3] Referimo-nos aos surdos cegos e aos que se comunicam por meio das línguas de sinais táteis.

não sinalizantes, a língua desenvolvida pelos surdos é composta de "gestos caseiros". Conforme Albanese (2015, p. 102):

> Dificilmente, quando a criança é percebida como surda, todas as pessoas que estão em volta dela se apressam para aprender Libras para conseguirem se comunicar com ela. Mas, mesmo assim, a criança não deixa de participar de sua esfera familiar e se comunicar com os adultos mais próximos. Entre a criança surda e os seus familiares ouvintes é desenvolvida uma língua de comunicação, usada somente por essa família, chamada de Língua Caseira de Sinais. (ALBANESE, 2015, p. 102).

Esse fator é evidenciado em 90% das famílias, nas quais filhos surdos e pais ouvintes estabelecem os primeiros contatos linguísticos (GOLDFELD, 2002, p. 44). Diferentemente, nas famílias de pais surdos e filhos surdos, as crianças desenvolvem a língua de sinais de forma natural, gerando, a partir dos três anos, infinitas sentenças sinalizadas a partir de um número reduzido de sinais.

Do ponto de vista sociolinguístico, as línguas de sinais, como quaisquer outras línguas, são passíveis de diversas variações na fala/sinalização, seja por motivos idioletais, sejam variações de grupos, regiões ou classes. O mesmo fenômeno variacionista ocorre na criação de novos sinais. Esse fator desperta grande curiosidade nos linguistas, pois as línguas de sinais possuem uma enorme variação lexical, principalmente, quando consideradas diferentes regiões. Nesse contexto, Streiechen (2013, p. 32) destaca que:

> [...] o fato de se atribuir às línguas de sinais o *status* de língua significa que, embora sendo de modalidade diferente, elas também possuem características em relação às diferenças regionais, socioculturais, entre outras. Portanto, assim como qualquer outra língua, a Libras possui expressões que variam de região para região (STREIECHEN, 2013, p. 32).

De acordo com Quadros (1997, p. 48), "os estudos até então mostram que as propriedades das línguas de sinais apresentam o mesmo tipo de princípios organizacionais e parâmetros que formam a gramática das línguas". No que concerne às semelhanças com as demais línguas, destaque-se a existência de categorias de palavras comuns, como substantivo, verbo, pronome, adjetivo, numeral entre outras. Entretanto, de acordo com Quadros (2019), os estudos sobre os processos de formação de palavras em Libras, bem como suas estruturas formacionais, precisam ser mais bem estudados. Ainda segundo a autora, há uma complexidade morfológica nas línguas de sinais, devido ao fato de haver uma morfologia sequencial, uma morfologia simultânea e uma morfologia híbrida (combinando processos sequenciais e simultâneos).

—Como unidades significativas tanto nas línguas orais quanto nas de sinais, itens lexicais são usados para definir conceitos e sentidos. Nas línguas de sinais, tais

itens são sinais, grosso modo, equivalentes às palavras nas línguas orais (STREIECHEN, 2013). Porém, essa analogia não significa que haja uma dependência entre as duas modalidades de língua, nem uma adaptação do sistema linguístico de uma realidade para outra, muito embora a coexistência de duas línguas de modalidades diferentes em um mesmo território possibilite a ocorrência de empréstimos.

No Brasil, conforme afirma Nascimento (2010), os surdos são expostos à situação de bilinguismo, ou seja, o contato entre Libras e Língua Portuguesa. Porém, apesar de, no contato entre línguas, ser natural a influência mútua entre esses sistemas linguísticos, um não se torna dependente do outro.

2.1 Iconicidade e arbitrariedade

Desde 1960, diversas pesquisas sobre as línguas de sinais ao redor do mundo, ao compará-las às línguas orais, têm comprovado que os princípios inerentes aos universais linguísticos também são naturais nas línguas de modalidade visuoespacial. Estas possuem léxico (símbolos convencionados para a sua constituição) e uma gramática (regras que regem o uso desses símbolos) (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Contudo, há fenômenos linguísticos inerentes a cada modalidade, bem como o sistema lógico da organização e representação de cada língua. Por exemplo, a datilologia é o uso do alfabeto manual para representação de nomes próprios, locais e palavras para as quais não haja ainda um sinal equivalente na língua de sinais.

> Os alfabetos conhecidos como datilológicos representam, então, as transliterações da forma gráfica das letras das diferentes línguas orais para CMs das diferentes línguas de sinais. Esses alfabetos gráficos constituem-se fonte primeira de empréstimos das línguas orais para as línguas de sinais e, por sua vez, são um tipo de empréstimo bastante recorrente na LSB" (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 62).

Na Figura 1, pode ser observado o alfabeto manual da Libras, utilizado para a datilologia.

Figura 1 – Alfabeto em Libras

Fonte: Souza e Monteiro (2006, p. 448)

O alfabeto manual também é empregado na construção de itens lexicais na Libras. Este processo, denominado como inicialização, é um "empréstimo que recorre à utilização de uma Configuração de Mão (CM) que corresponde, no alfabeto manual, à primeira letra da palavra equivalente em português" (FERREIRA-BRITO, 1995, p. 22). Por exemplo, no sinal "FAMÍLIA[4]", ocorre o processo em que se utiliza a configuração de mão de número 60[5], cuja forma da mão representa a letra "F" do alfabeto na língua portuguesa, para a formação do sinal. Nascimento (2010) define esse tipo de fenômeno como "empréstimo transliterado da Língua Portuguesa", pois é originário da escrita da Língua Portuguesa por meio da datilologia.Esse fenômeno é muito comum também na criação de novos sinais, os quais, ao adentrarem o sistema linguístico da Libras, são adaptados. Segundo Nascimento (2010, p. 78):

> Os sinais emprestados tendem a acomodar-se à LSB da mesma forma que itens lexicais estrangeiros adaptam-se a uma língua receptora. Quase todos os sinais tomados de empréstimo da LP sofreram algum tipo de adaptação estrutural, uns mais outros menos [...]. Até mesmo sinais emprestados que possuem duas letras como o sinal #AR, para adaptar-se melhor à língua, muda a orientação da palma da mão e tem a CM R um pouco modificada para melhor adequar-se aos padrões fonológicos da LSB (NASCIMENTO, 2010, p. 78).

Todos os signos linguísticos são arbitrários, entretanto línguas visuoespaciais têm uma especificidade, pois, além de apresentarem alguns sinais de caráter menos motivado e mais arbitrário (cujos elementos constituintes não estabelecem nenhuma relação de representação associativa com os elementos de mundo que circundam os sinalizantes), há sinais de forma icônica, cujas formas feitas pelas mãos representam os referentes. Valli e Lucas (2011, p. 4) conceitualizam as duas categorias assim:

> Ao falar sobre as formas de um sistema de comunicação, *arbitrário* significa que a real forma do símbolo não reflete a forma da coisa a ou da atividade que simboliza. *Icônico* significa que a forma do símbolo é um ícone ou representação de algum aspecto da coisa ou atividade sendo simbolizada[6] (VALLI; LUCAS, 2011, p. 4).

Observe-se, porém, que os sinais icônicos são, em alguma medida, arbitrários, visto que "são os falantes de dado grupo que convencionam qual traço icônico do referente real servirá de base" (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 16). A autora ainda faz uma analogia com a figura de linguagem metonímia para ampliar esse conceito:

---

[4] O sinal de família também pode ser produzido com a CM de número 62.
[5] Na Seção três será apresentado as representações das Configurações de Mão.
[6] No original: "When talking about the forms of a communication system, *arbitrary* means that the actual form of the symbol does not reflect the form of the thing or activity it symbolizes. *Iconic* means that the form of the symbol is an icon or representation of some aspect of the thing or activity being symbolized".

> A metonímia, por sua vez, é reconhecida como figura da "fala" na qual uma palavra ou frase é substituída por outra com a qual ela está proximamente associada. Grosso modo, pode se dizer que uma UL [unidade lexical] é criada em língua de sinais a partir de uma metonímia de referente. Por exemplo, o chifre é a parte bovina escolhida, prototipicamente, por várias línguas de sinais para representar o referente bovino. (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p.16).

Vejamos, nas ilustrações a seguir, a iconicidade em três línguas de sinais distintas, atentando para a representação do referente. Os sinais representados se referem a CASA:

Quadro 1 – Comparativo do sinal de CASA em LSF, Libras e ASL.

Língua Francesa de Sinais Fonte: *Super Guide* (MEDORI, 2015)	Língua Brasileira de Sinais Fonte: *Dicionário de Língua de Sinais Brasileira* (CAPOVILLA et al, 2017)	Língua Americana de sinais Fonte: *The Gallaudet Dictionary*, (VALLI, 2005)

Fonte: elaborado pelos autores

A característica marcada nos três sinais é a motivação característica das construções das casas nos países do ocidente, representando a estrutura física dos modelos arquitetônicos. No que concerne à semelhança da representação icônica nos três exemplos, podemos inferir ainda que há uma herança de características da língua francesa de sinais, vista como "mãe" das línguas de sinais daquelas comunidades.

Ao analisarmos as diferenças e semelhanças entre os três sinais, recorremos aos parâmetros das línguas de sinais. As semelhanças são percebidas na Configuração de Mão (CM) e na Locação (L). Quanto às diferenças, destacamos o Movimento (M) e a Orientação da Palma (OP). De acordo com Ferreira-Brito (1995, p. 23):

> Resultados de testes aplicados a surdos brasileiros e norte-americanos mostram que, ao descrever objetos em línguas de sinais, os surdos salientam muito mais características, tais como forma, tamanho e movimento dos objetos, do que a cor dos mesmos (FERREIRA-BRITO, 1995, p. 23).

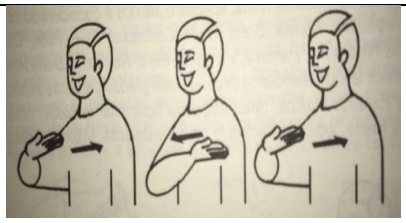
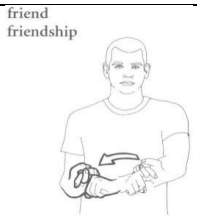
Os sinais nem sempre são a representação da forma visual/icônica à qual se referem, a despeito do mito de que, por serem de modalidade visual-espacial, as línguas de sinais, necessariamente, representariam tais formas. Assim como todas as línguas, as de sinais também têm a convenção do falante e sinais que fogem à motivação do signo.

Logo, um sinal considerado icônico também é arbitrário, pois, por mais que represente traços do referente, ainda éconvencionado pela comunidade que utiliza determinada língua de sinais. Nessa perspectiva, Costa (2012, p. 37) afirma que:

> A iconicidade indica apenas relação de similaridade, mas o signo não é transparente, pois o processo de construção de análogos é feito arbitrariamente pelos usuários, isto é, não pode ser previsto em sua totalidade (COSTA, 2012, p. 37).

De acordo com Albres (2014, p. 135), "ultimamente, no processo de *ampliação* do léxico da língua de sinais, os novos sinais têm uma produção mais arbitrária e menos icônica". Percebe-se que, nesses casos, a motivação do sinal se torna mais distante da representação e da noção que motivou sua constituição. Os sinais a seguir demonstram a convencionalidade do sinal AMIGO em línguas diferentes:

Quadro 2 – Comparativo do sinal de AMIGO em LSF, Libras e ASL.

		
Língua Francesa de Sinais Fonte: *Super Guide* (MEDORI, 2015)	Língua Brasileira de Sinais Fonte: *Dicionário de Língua de Sinais Brasileira* (CAPOVILLA et al., 2017)	Língua Americana de sinais Fonte: *The Gallaudet Dictionary*,(VALLI, 2005)

Fonte: elaborado pelos autores

As imagens, como registro dos sinais convencionados nessas línguas, ilustram que os sinais são realizados de modos diferentes para a representação de um mesmo conceito, diminuindo a identificação dos fatores motivacionais que fazem parte da estrutura do sinal.

3 Os parâmetros das línguas de sinais

A partir das pesquisas de Stokoe (1960), as análises descritivas das línguas de sinais passaram a considerar três parâmetros: configuração de mão, locação e movimento. Quadros e Karnopp (2004) citam que, de 1978 a 1988, foram adicionados por Klima e Bellugi (1979) os parâmetros de orientação da mão e os aspectos não manuais, também denominados expressões faciais e corporais. Assim, as línguas de sinais são analisadas e descritas hoje em cinco parâmetros: Configuração de Mão (CM), Locação (L), Movimento (M), Orientação (O) e Expressões Não Manuais (ENM). Autores como Faria-Nascimento (2013) descrevem-nos como unidades fonológicas.

3.1 Configuração de Mão (CM)

A partir de uma perspectiva fonológica, este parâmetro, grosso modo, compreende os fonemas da Libras. Assim, por meio da combinação com os demais parâmetros, as configurações de mão criam unidades com significação (COSTA, 2012). Para melhor compreendermos a função das configurações de mão, recorremos ainda à assertiva de Costa (2012, p. 25):

> Geralmente, apresentam-se as configurações de mão da língua de sinais como análogas aos fonemas das línguas orais, por constituírem unidades mínimas. Assim como os fonemas, cada configuração de mão não teria, portanto, significado, estando assim em relação de arbitrariedade. A partir de sua realização juntamente com os demais parâmetros de formação da língua de sinais é que ela constituiria os três principais parâmetros, passando a adquirir significado (COSTA, 2012, P. 25).

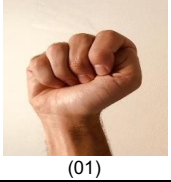
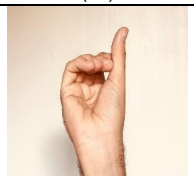
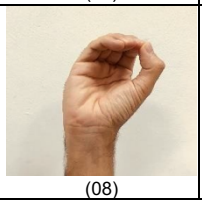
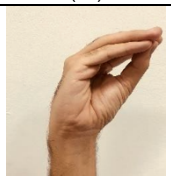
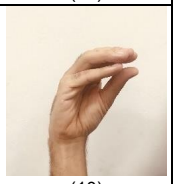
Nas configurações de mão, temos a forma e o registro dos contornos das mãos na produção dos sinais. Faria-Nascimento (2013, p. 88) evidencia a ausência de significados em algumas configurações e outras com significado a partir da língua oral:

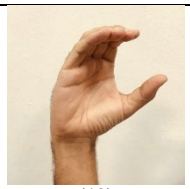
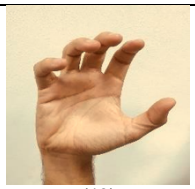
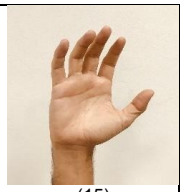
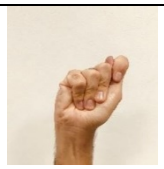
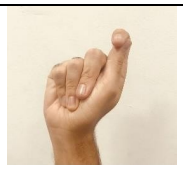
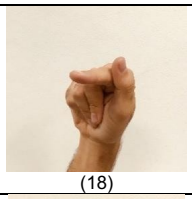
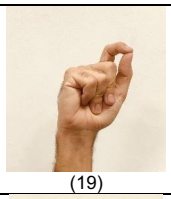
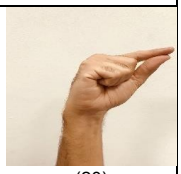
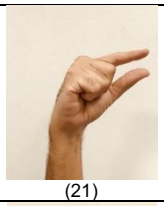
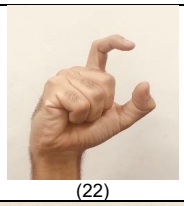
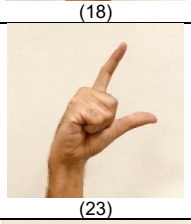
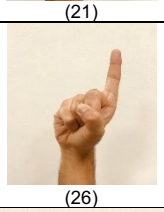
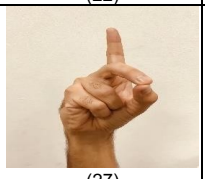
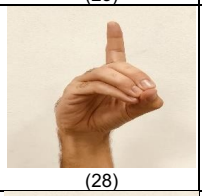
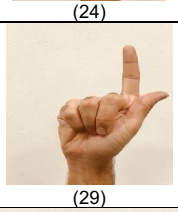
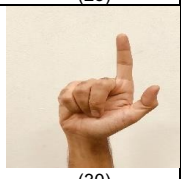
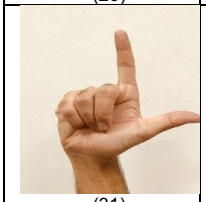
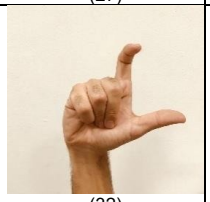
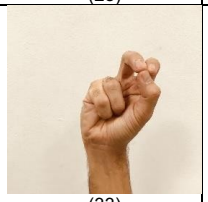
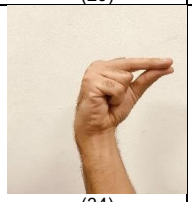
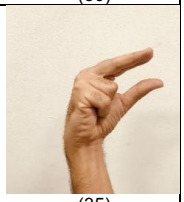
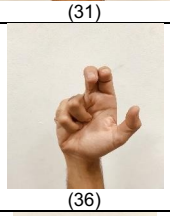
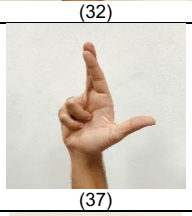
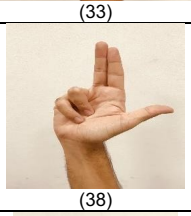
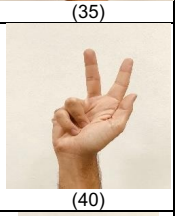
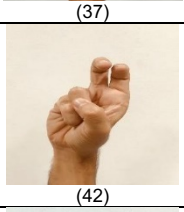
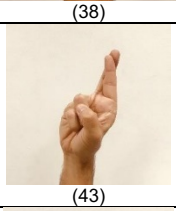
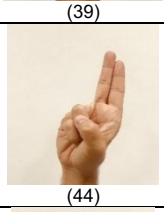
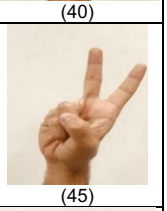
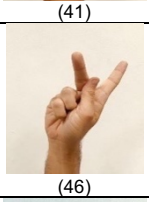
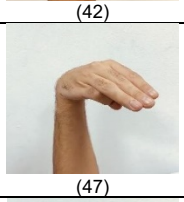
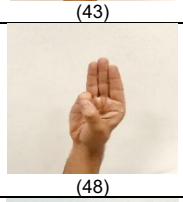
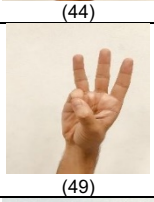
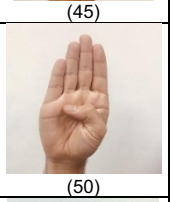
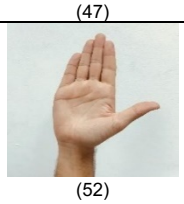
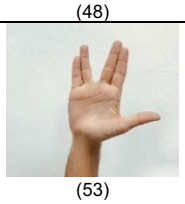
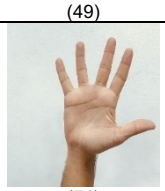
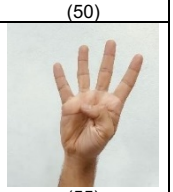
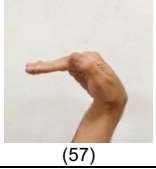
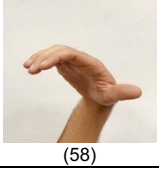
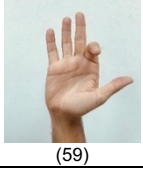
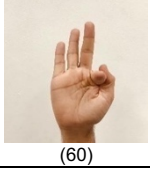
> As CMs, *a priori*, analisadas também como unidades fonológicas de uma LS, a partir dos distintos formatos possíveis que a mão pode tomar, podem, na verdade, se manifestar de diferentes formas; algumas sem significado; outras com o significado que importam da língua oral tomada como base a língua oral de principal contato com a LSB, à Língua Portuguesa (FARIA-NASCIMENTO, 2013, p. 88).

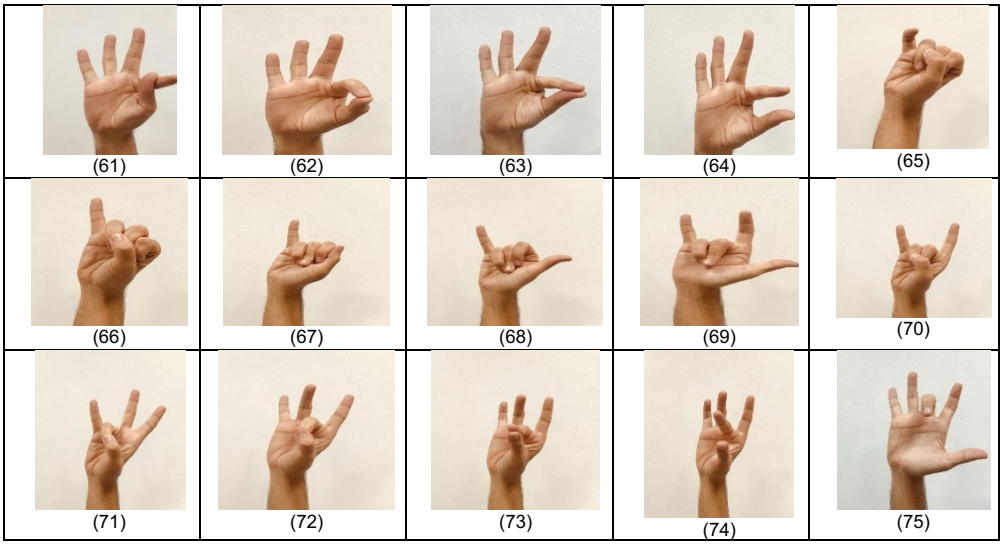
Uma configuração de mão é "a forma que a(s) mão(s) toma(m) na realização do sinal" (FERREIRA-BRITO, 1995, p. 36), sendo que um sinal pode conter mais de uma configuração de mão. Outro ponto que merece destaque é que, nos sinais realizados com as duas mãos, ambas podem ter a mesma configuração ou terem configurações diferentes. Além disso, durante a realização de um sinal, uma configuração de mão pode também alterar para outra (ROSA, 2005).

Dentre os quadros de configuração de mão, apresentamos o que possui um total de 75 configurações, com base no registro de Faria-Nascimento (2009).

Quadro 3 – Representação das Configurações de Mão.

 (01)	(02)	(03)	(04)	(05)
(06)	 (07)	 (08)	 (09)	 (10)

(11)	 (12)	 (13)	(14)	 (15)
 (16)	 (17)	 (18)	 (19)	 (20)
 (21)	 (22)	 (23)	(24)	(25)
 (26)	 (27)	 (28)	 (29)	 (30)
 (31)	 (32)	 (33)	 (34)	 (35)
 (36)	 (37)	 (38)	(39)	 (40)
(41)	 (42)	 (43)	 (44)	 (45)
 (46)	 (47)	 (48)	 (49)	 (50)
(51)	 (52)	 (53)	 (54)	 (55)
(56)	 (57)	 (58)	 (59)	 (60)



Fonte: elaborado pelos autores com base em Faria-Nascimento (2009, p. 177-183).

3.2 Movimento (M)

Klima e Bellugi (1979 apud FERREIRA-BRITO, 1995, p. 38) definem movimento "como uma vasta rede de formas e direções, desde os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso, os movimentos direcionais no espaço, até conjuntos de movimentos no mesmo sinal", sendo categorizados segundo seu tipo, direcionalidade, maneira e frequência. O movimento, além do nível fonológico, agrega ao sinal traços morfológicos também, como definido por Faria-Nascimento (2013, p. 85): "O tipo de movimento representa, sempre, um traço mórfico, que, no caso dos verbos, acrescenta informação aspectual. A uma ULS podem ser adicionados diferentes tipos de movimento: circular intermitente, zigue-zagueado, etc."

O quadro abaixo, apresentado por Quadros e Karnopp (2004), demonstra as possibilidades de movimento ao realizar um sinal:

Quadro 4 – Movimentos

Categoria do parâmetro movimento na língua de sinais brasileira (Ferreira-Brito, 1990)
TIPO *Contorno ou forma geométrica*: retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso, angular, pontual. *Interação*: alternado, de aproximação, de separação, de inserção, cruzado *Contato*: de ligação, de agarrar, de deslizamento, de toque, de esfregar, de riscar, deescovar ou de pincelar. *Torcedura de pulso*: rotação, com refreamento *Dobramento de pulso*: para cima, para baixo *Interno das mãos*: abertura, fechamento, curvamento e dobramento (simultâneo/gradativo)
DIRECIONALIDADE Direcional - *Unidirecional*: para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda, para dentro, para fora, para o centro, para a lateral inferior esquerda, para a lateral inferior direita, para a lateral superior esquerda, para a lateral superior direita, para específico ponto referencial. - *Bidirecional*: para cima e para baixo, para esquerda e para direita, para dentro e para fora, para laterais opostas – superior direita e inferior esquerda Não-direcional

MANEIRA Qualidade, tensão e velocidade - Contínuo - de retenção - refreado
FREQUÊNCIA Repetição - simples - repetido

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 58)

De acordo com Capovilla et al. (2017, p. 38-39), o parâmetro movimento também pode ser dividido em quatro subcategorias: o que se move, como se move, tipos de movimento e característica do movimento.

Quadro 5 – Categoria de Movimento: o que se move

O que se move: Mãos e braços, dedo ou dedos, língua ou ponta da língua, cabeça, olhos, boca, lábios, sobrancelha, queixo, bochecha, ombros, pescoço, pálpebra e cílio, cintura etronco.

Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 38).

Quadro 6 – Categoria de Movimento: como se move

Como se move:
• **Mãos e braços:** abrir, fechar, balançar, distender, dobrar, em curvas, em espiral, ondulatórios, para a direita, para a esquerda, para baixo, para cima, para frente, para trás,tremular ou ziguezague.
• **Dedo ou dedos:** abrir, fechar, curvar, afastar, unir, balançar, distender, dobrar, oscilar,tremular.
• **Língua ou ponta da língua:** passar bater, deslizar, mostrar, morder.
• **Cabeça ou pescoço:** mover para direita, para esquerda, para baixo, para cima, parafrente, para trás, em círculos.
• **Olhos, pálpebras:** abrir, fechar, arregalar, piscar.
• **Boca:** abrir, fechar, apertar.
• **Lábios:** abrir, fechar, tremular, protrudir.
• **Sobrancelha:** arquear, franzir.
• **Queixo:** mover para os lados.
• **Bochecha:** inflar, sugar.
• **Ombro:** cair, levantar, balançar.
• **Cintura:** balançar, girar.
• **Tronco:** para frente, para trás, para os lados, curvar.

Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 38).

Quadro 7 – Categoria de Movimento: tipos de movimento

Tipos de movimento:
• **Dobrar a(s) mão(s) pelo(s) pulso(s):** para baixo, para cima, para trás, para direita,para esquerda ou para frente.
• **Girar a(s) mão(s) pelo(s) pulso(s):** para baixo, para cima, para trás, para direita, paraesquerda ou para frente.
• **Girar a palma ou as mãos:** para baixo, para cima, para trás, para direita, para esquerdaou para frente.
• **Em círculos horizontais:** para direita (sentido horário) (plano XY), para a esquerda(sentindo anti-horário) (plano XZ)
• **Em círculos verticais:** para a direita (sentido horário) (plano XY), para a esquerda (sentido anti-horário) (plano XY), para frente (sentido horário) (plano YZ), para trás (sentidoanti-horário) (plano ZY)

• **Em arcos:** para a direita (sentido horário), para a esquerda (sentido anti-horário), parafrente (sentido horário), para trás (sentido anti-horário)
• **Diagonalmente:** para a direita e para baixo, para a direita e para cima, para a direita epara frente, para a direita e para trás, para a esquerda e para baixo, para a esquerda e para cima, para a esquerda e para frente, para a esquerda e para trás, para baixo e para direita, para baixo e para esquerda, para baixo e para frente, para baixo e para trás, para cima e para frente, para cima e para a direita, para cima e para esquerda, ou para cima e para trás.

Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 38-39).

Quadro 8 – Categoria de Movimento – tipos de movimento

Característica do movimento
• **Amplitude:** curto, longo.
• **Duração do movimento:** breve, brevemente, demorado
• **Intensidade do movimento:** lenta, lentamente, rápida, rapidamente
• **Velocidade do movimento:** lenta, lentamente, rápida, rapidamente
• **Frequência do movimento:** duas vezes, várias vezes, repetir.
• **Distribuição do movimento:** alternado ou alternados, alternadamente

Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 39).

Esses autores buscam registrar as categorias dos mais diversificados exemplos de formas, tipos e características de movimento já registradas por meio dos sinais presentes no *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil – A Libras em Suas Mãos* (2017).

3.3. Locação (L) ou Ponto de Articulação (PA)

Este parâmetro pode ter qualquer das duas nomenclaturas, a depender do autor, para designar o local em que o sinal será feito. Esse ponto pode ser feito no próprio corpo do sinalizante ou no espaço neutro, em frente ao corpo. Quadros e Karnopp (2004, p. 57) o definem como "uma área que contém todos os pontos dentro do raio de alcance das mãos em que os sinais são articulados".

Há diversas possibilidades de articulação dos sinais: alguns ancorados, tocando o corpo, e outros que são realizados no espaço neutro. Capovilla et al. (2017) dividem essas possibilidades da seguinte maneira:

Quadro 9 – Local de articulação

Local da Articulação
• Acima, abaixo, sobre, sob, ao lado, à esquerda, à direita, à frente, diante, atrás; ou
• Tocando as seguintes partes do corpo: abdômen, antebraço ou antebraços, barriga, boca, bochecha ou bochechas, parte interna da bochecha, braço ou braços, cabeça, cintura (lado esquerdo ou direito), corpo, costas, cotovelo ou cotovelos, coxa ou coxas (lado esquerdo ou direito), dedos, dente ou dentes, dobra do braço ou dobra dos braços,dorso da mão ou dorso das mãos, lábio ou lábios (superior ou inferior), laterais da cabeça,têmpora, lateral do corpo (esquerda ou direita), língua, nariz (lateral ou ponta), olho ou olhos, ombro ou ombros, orelha ou orelhas, palma ou palmas, parte interna do braço ouparte interna dos braços, parte superior do braço ou parte superior dos braços, peito, pescoço, ponta da língua, quadril ou quadris (lado esquerdo ou direito), queixo, rosto ou face.

Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 39).

Outra proposta para o estabelecimento e produção do sinal é defendida por Faria-Nascimento (2009). A autora elenca 36 possíveis pontos:

Quadro 10 – Local de articulação

ORDEM PARA O PARÂMETRO: PONTO DE ARTICULAÇÃO
(1) costas (parte alta) > (2) ombros > (3) pescoço (atrás) > (4) nuca > (5) cabeça (atrás) > (6) cabeça (topo) > (7) testa > (8) sobrancelha > (9) olhos > (10) orelha > (11) nariz > (12) lábio (superior) > (13) dentes > (14) língua > (15) lábio (inferior) > (16) bochecha > (17) queixo > (18) pescoço > (19) braço (externo) > (20) cotovelo > (21) antebraço (externo) > (22) pulso (externo) > (23) mão (dorso) > (24) dedos (externo) > (25) dedos (interno) > (26) mão (palma) > (27) pulso (interno) > (28) peito > (29) seios > (30) abdômen > (31) cintura > (32) região pélvica > (33) quadril > (34) coxa > (35) nádegas > (36) costas (parte baixa)

Fonte: Faria-Nascimento (2009, p. 39)

Vale ressaltar que esse foi um dos primeiros parâmetros descritos por Stokoe (1960), juntamente com a Configuração de Mão (CM) e o Movimento (M). Mencionamos também que um sinal pode ter mais de uma Locação/Ponto de Articulação. Por exemplo, o sinal de MUÇULMANO, tem pontos de articulação que tocam (28) peito + (17) queixo + (7) testa.

3.4. Orientação (O)

O penúltimo parâmetro acrescido é a orientação. Esta se refere à posição da palma, ou seja, "a direção para a qual a palma aponta na produção do sinal" (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 59). Há seis tipos de orientação: para cima, para baixo, para dentro, para fora, para o lado [contralateral], para o lado [ipsilateral][7].

Quadro 11 – Orientação das mãos

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 59-60)

3.5. Expressões não manuais (ENM)

[7] Estruturas no mesmo lado do corpo são ditas ipsilaterais, a exemplo da mão direita e do olho direito. Estruturas do lado oposto do corpo são chamadas contralaterais, a exemplo da mão direita e do olho esquerdo.

Expressões faciais e/ou corporais são usadas por falantes das línguas de sinais e orais. Porém, nas línguas de sinais, desempenham, além de funções expressivas, também funções gramaticais. De acordo com Faria-Nascimento (2013, p. 87):

> Essas reflexões levam-nos a postular que as EFs e a ECs não se enquadram exclusivamente numa posição fonológica, pois agregam significado à ULS com ela construída. Se essas expressões encontram-se numa zona inespecífica, na confluência de traços fonológicos, morfológicos e também sintáticos, elas podem ser tomadas num *continuum* fonológico-morfológico-semântico-sintático (FARIA-NASCIMENTO, 2013, p. 87).

Esse último parâmetro, não menos importante que os demais, é um recurso de expressividade e de significação dos sinais nos diversos níveis linguísticos. Essa categoria é dividida em expressões não manuais afetivas e gramaticais. De acordo com Quadros, Pizzio e Rezende (2008), o primeiro grupo de expressões está intrinsecamente ligado à expressão de "sentimentos (alegria, tristeza, raiva, angústia, entre outros) e pode ou não ocorrer simultaneamente com um ou mais itens lexicais. O segundo grupo é exclusivo e característico das línguas de sinais, pois se trata de expressões "relacionadas a certas estruturas específicas, tanto no nível da morfologia quando no nível da sintaxe e são obrigatórias nas línguas de sinais em contextos determinados" (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2008, p. 3).

Este recurso pode ser expresso nos mais diversos locais do corpo, respeitando o campo visual em que o sinal será feito entre o locutor e o interlocutor. Por se tratar da modalidade visual-espacial, pode envolver desde a postura até os movimentos anatômicos do corpo. Ferreira-Brito e Langevin (1995 apud QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 61) apresentam as expressões não manuais da língua brasileira de sinais.

Quadro 12 – Expressões não manuais da língua de sinais brasileira

Expressões não manuais da língua de sinais brasileira (FERREIRA-BRITO; LANGEVIN, 1995)
Rosto *Parte superior* sobrancelhas franzidas olhos arregalados lance de olhos sobrancelhas levantadas *Parte inferior* bochechas infladas bochechas contraídas lábios contraídos e projetados e sobrancelhas franzidas correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha apenas bochecha direita inflada contração do lábio superior franzir do nariz
Cabeça balanceamento para frente e para trás (sim) balanceamento para os lados (não) inclinação para frente inclinação para o lado inclinação para trás

Rosto e cabeça
cabeça projetada para frente, olhos levemente cerrados, sobrancelhas franzidas cabeça projetada para trás e olhos arregalados
Tronco
para frente para trás balanceamento alternado dos ombros balanceamento simultâneo dos ombros balanceamento de um único ombro

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 61)

Além disso, Capovilla et al. (2017, p. 39) trazem as possíveis expressões faciais afetivas a serem registradas nos sinais e convencionadas pelos sinalizantes da Libras.

Quadro 12 – Expressões faciais afetivas

Expressão facial
• alegre, alegria, boca aberta, boca semiaberta, bochechas infladas, bochechas sugadas,brava, contraída, dentes cerrados, lábios cerrados, lábios protusos, lábios protuberantes,língua para fora, mostrando a ponta da língua, mostrando os dentes, olhos arregalados, olhos fechados, olhos semiabertos, sobrancelhas arqueadas, sorriso, sorrindo, testa franzida, triste ou tristeza, e assim por diante.

Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 39).

4 Outros recursos linguísticos

Uma das características essenciais de qualquer língua humana é a possibilidade de recorrer a diversos recursos para ampliação e renovação do léxico. Nas línguas de sinais, merece destaque o recurso da "datilologia", também chamado de soletração manual, sobre o qual Quadros e Karnopp (2004, p. 88) afirmam:

> [...] não é uma representação direta do português, é uma representação manual da ortografia do português, envolvendo uma sequência de configurações de mão que tem correspondência com a sequência de letras escritas do português (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 88).

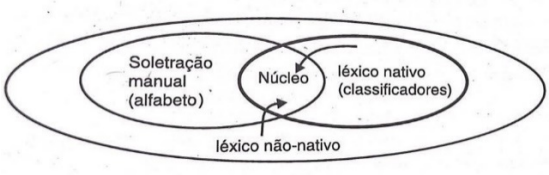
Nesse grupo de unidades significativas cujos formatos a mão assume, podemos destacar o alfabeto manual, também conhecido como datilológico, pois consiste na representação das letras do alfabeto importado de uma língua oral. No caso da Libras, temos a relação de equivalência mais próxima com as línguas de sinais ASL, LSF e Língua Portuguesa. O alfabeto manual

> [...] é conhecido também como alfabeto datilológico, ou datilologia, com o qual é possível soletrar 27 diferentes letras (soletrando também com o grafema "ç", que é a configuração de mão da Letra C com movimento trêmulo) por meio da mão (GÓES; CAMPOS, 2014, p. 71).

Esse recurso é utilizado geralmente para representação de nomes próprios e quando as línguas de sinais ainda não possuem um sinal para representar determinados itens lexicais ou conceitos. É importante ressaltar que as palavras soletradas em Língua

Portuguesa são alocadas na periferia do léxico da Libras, conforme Brentari e Padden (2001 *apud* QUADROS; KARNOPP, 2004) destacam no diagrama a seguir:

Figura 2 – Léxico na Libras



Fonte: Quadro e Karnopp (2004, p. 88)

Outro recurso linguístico presente nas línguas de sinais são os classificadores. De acordo com Almeida (2016, p. 53), essa categoria de sinais é estruturada por meio das configurações de mão, assumindo "a forma do objeto na ação verbal, funcionando como marcadores de concordância". Os classificadores têm configurações de mão que representam prototipicamente certos tamanhos ou formas do objeto a que se referem, conforme ilustrado abaixo.

Figura 4 – Representação da forma da mão nos classificadores

Fonte: Almeida (2016).

Presentes nas demais línguas de modalidade visuoespacial, são amplamente utilizados como recursos imagéticos, pois nessas línguas há a possibilidade de que esses morfemas representem pessoas (ações), animais (ações), objetos (ações), formas e movimentos. Capovilla *et al*. (2017, p. 33) assim os definem:

> [...] diz[em] respeito aos diferentes modos como um sinal é produzido, dependendo das propriedades físicas específicas do referente que ele[s] representa[m]. Os classificadores geralmente representam algumas características físicas do referente como seu tamanho e forma, ou seu comportamento ou movimento, o que confere a grande flexibilidade denotativa aos sinais. O sinal CAIR, por exemplo, é classificador, pois sua forma varia de acordo com o objeto referido, ou seja, que sofre a queda (e.g., papel, copo, pessoa). (CAPOVILLA et al., 2017, p. 33).

Por se tratar de uma modalidade visuoespacial, os classificadores também possuem estruturas icônicas e gestuais, tendo representações estabelecidas a partir dos parâmetros linguísticos formacionais em cada língua de sinais: configurações de mão, movimento, locação, orientação e expressão não manual.

5 Processos de formação dos sinais em Libras

Uma breve revisão de literatura permite encontrar uma série de processos motivacionais dos sinais: mimese ou iconicidade, composição, derivação, incorporação de numerais, empréstimos por transliteração da letra inicial e empréstimo estereotipado. Para abrangermos a área que analisa os processos de formação dos sinais, faz-se necessário nos ancorarmos nos estudos de formação das estruturas dos sinais, de Felipe (2006), Ferreira-Brito (1995), Quadros e Karnopp (2004) e Faria-Nascimento (2009; 2013).

Tipologicamente, a Libras pode ser categorizada como língua prototipicamente flexional e também com características aglutinantes. Essas propriedades são evidenciadas de acordo com a possibilidade de formação de sinais, tanto pelo processo de composição quanto pelas formas de incorporação lexical comumente presentes na Libras (FELIPE, 2006, p. 200). Ainda sobre este tema, Faria-Nascimento (2013, p. 97) declara que

> Tanto no estudo das Los [línguas orais] como no estudo das LS [línguas de sinais], é possível encontrarmos processos composicionais, flexionais e derivacionais. A composição é o processo morfológico de construção de uma ULS [Unidade Lexical Sinalizada] a partir da associação de dois ou mais radicais, para originar uma nova ULS. Entre flexão e derivação há uma tênue fronteira que clama por estudos que permitam distinguir mais claramente os dois tipos de processos. A derivação normalmente muda a classe ou o significado da ULS, enquanto a flexão não muda nem a classe, nem o significado da ULS (FARIA-NASCIMENTO, 2013, p. 97).

As primeiras divisões canônicas classificaram os principais fenômenos derivacionais, evidenciados por Quadros e Karnopp (2004, p. 96), como: "a nominalização na Libras, a formação de compostos e a incorporação de numerais nos sinais". Quanto à flexão, as autoras, a partir dos estudos de Klima e Bellugi (1979 apud

QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 111-112), destacam esses processos: pessoa (dêixis), número, grau, modo, reciprocidade, foco temporal, aspecto temporal, aspecto distributivo.

Com base nessas informações, descrevemos nas seções a seguir os principais processos de formação de sinais.

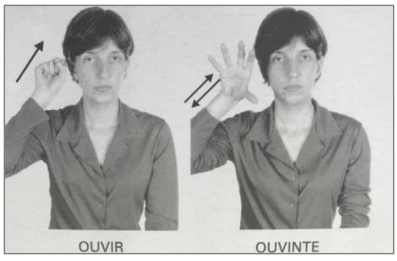
5.1 Processos miméticos ou icônicos

Por ser de modalidade visuoespacial, a mímica também é um recurso nas línguas de sinais para formação de itens lexicais. A língua de sinais que possui esse processo linguístico "representa iconicamente o referente a partir dos parâmetros de configuração sígnica e da sintaxe da língua" (FELIPE, 2006, p. 206). Ainda sobre esse processo, a autora exemplifica com a descrição de uma situação real no mundo, como a de "um homem em pé com um jornal embaixo do braço direito e com um saco de pipoca na mão esquerda". A transcrição em Libras seria feita da seguinte maneira: HOMEM - JORNAL coisa-arredondada COLOCAR-EM-BAIXO-DO-BRAÇO-ESQUERDO, PIPOCA coisa-arredondada SEGURAR-COM-A-MÃO-DIREITA (FELIPE, 2006, p. 206).

5.2 Nominalização

Assim como na ASL, este fenômeno na Libras é evidenciado na mudança do tipo de movimento empregado na realização do sinal, pois "o movimento dos nomes repete e encurta o movimento dos verbos" (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 96-98):

Figura 5 – Ilustração da derivação de nomes de verbos



Fonte: Quadro e Karnopp (2004, p. 98)

5.3 Formação de compostos

Este processo gerador de novas palavras é muito produtivo nas línguas de sinais, ocorrendo por meio da "junção de dois elementos semânticos, de existência independente no léxico, em apenas um elemento lexical" (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 102). Nesta categoria, temos exemplos como os dos sinais ACREDITAR (SABER + ESTUDAR) e ESCOLA (CASA + ESTUDAR).

Figura 6 – Ilustração da formação de sinais compostos

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 103).

5.4 Incorporação de numeral

Este processo ocorre por meio da mudança da configuração de mão que representa a quantidade nos sinais envolvendo números. Os demais parâmetros permanecem inalterados. Dessa forma, ao serem combinados os morfemas presos de número a outros morfemas significativos, geram-se novos itens lexicais. Quadros e Karnopp (2004, p. 107) exemplificam que os sinais "dois meses ou três meses pode[m] ser expresso[s] pela mudança na configuração de mão do sinal". Pereira et al. (2011, p. 73) estendem a análise de tal processo para a duração de horas, conforme apresentado abaixo.

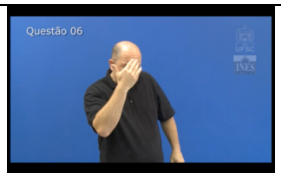
Quadro 11 – Incorporação de numeral

Fonte: Pereira et al. (2011, p. 73).

5.5 Incorporação de negação

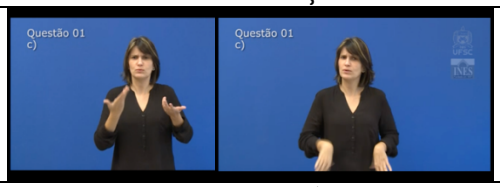
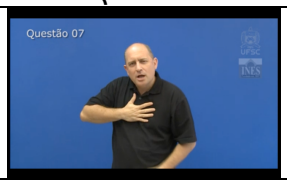
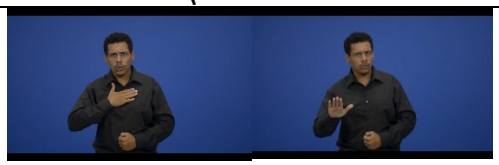
Concluímos esta seção sobre a morfologia dos processos de formação de sinais na Libras apresentando este produtivo processo. Além do uso do sinal NÃO (dedo indicador estendido, podendo ocorrer sequencialmente anteposto ou posposto aos sinais na sentença), alguns itens lexicais podem incorporar a negação por recursos morfológicos como: morfema de movimento de afastamento do corpo (QUADROS, 2019), expressões faciais ou movimento da cabeça (FERREIRA-BRITO, 1995).

Quadro 12 – Incorporação negação: Morfema de movimento de afastamento do corpo - alteração do Movimento do sinal e Configuração de mão

	
SABER	SABER-NÃO

Fonte: COPERVE UFSC. (2015).

Quadro 13 – Incorporação de negação: Morfema de movimento de afastamento do corpo, alteração do Movimento do sinal e Orientação da Palma.

	
QUERER	QUERER-NÃO
	
GOSTAR	GOSTAR-NÃO

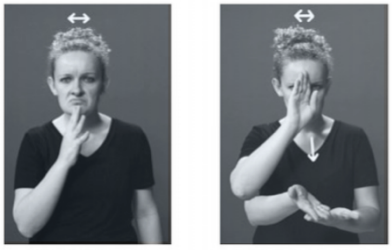
Fonte: COPERVE UFSC. (2015).

Quadro 14 - Morfema de movimento de afastamento do corpo, alteração do Movimento do sinal e Ponto de Articulação**.**

TER	TER-NÃO

Fonte: COPERVE UFSC. (2015).

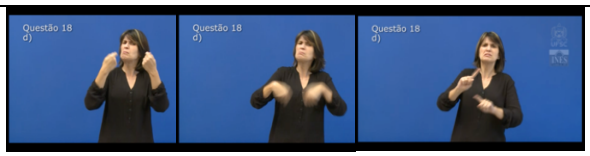
Quadro 15 - Marcação não manual/Expressões faciais ou Movimento da cabeça



(131) CONHECER-NÃO (132) ACREDITAR-NÃO

Fonte: Quadros. (2019).

Quadro 16 - Alteração do movimento do sinal acrescido do sinal NÃO + Marcação não manual

	
PRECISAR	PRECISAR-NÃO
COMBINAR	COMBINAR-NÃO

Fonte: COPERVE UFSC. (2013-2015).

6. Consideração finais

Ao longo do presente artigo, buscamos apresentar as principais estruturas formacionais dos sinais em Libras. Discutimos em que medida os sinais são compostos por arbitrariedade e/ou iconicidade e evidenciamos seus traços distintivos (configuração de mão, locação, movimento, orientação e expressões manuais), bem como outros recursos linguísticos já investigados nesta língua, a exemplo da datilologia e dos classificadores. Na sequência, apresentamos alguns dos principais processos morfológicos de formação, como a mímica, a nominalização, a composição, a incorporação de numeral e a incorporação de negação.

Dadas as dimensões impostas por um artigo científico, ativemo-nos ao nível morfofonológico da descrição da Libras, mas esta pode ser ampliada e aprofundada se considerarmos outros níveis de análise, como o sintático, o semântico e o pragmático. De todo modo, a partir das descrições apresentadas, ressaltamos a importância da ratificação do status da Libras como língua natural e humana, seguindo princípios universais linguísticos.

Referências

ALBANESE, B. C. 2015. Da língua portuguesa, línguas brasileira de sinais, línguas caseira de sinais à língua nenhuma: qual(is) línguas(s) os surdos (não) falam. In: BOLOGNINI, Carmen Zink; SILVA, Ivani Rodrigues (Org.). **Sentidos no silêncio: práticas de língua(gem) com alunos surdos.** São Paulo: Mercado de Letras, 2015.

ALBRES, N. de A. Estudo Léxico da Libras. In: LACERDA, C. B. F. de; SANTOS,L. F. dos. (Org.). **Tenho um aluno, e agora? Introdução à Libras eeducação de surdos**. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

ALMEIDA, M. O. S. **Ferramenta didática e lúdica para intensificar o aprendizado da LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**. Bahia: Editus, 2016.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; TEMOTEO, J. G.; MARTINS, A. C. **Dicionário da Língua de Sinaisdo Brasil**: A Libras em suas mãos. 4. ed. São Paulo: EdUSP, 2017. (3 Volumes).

COPERVE UFSC. **Prova Objetiva do 6º PROLIBRAS**. 2013.

COPERVE UFSC. **Prova Objetiva do 7º PROLIBRAS**. 2015.

COSTA, V. H. S. da. **Iconicidade e produtividade na língua brasileira de sinais**: a dupla articulação da linguagem em perspectiva. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, 2012.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. **Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira:** uma proposta lexicográfica. Tese (Doutorado em Linguística, Línguas Clássicas) - Universidade de Brasília - UnB, Brasília, 2009.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. A organização dos morfemas livres e presos em LSB: reflexões preliminares. In: QUADROS, Ronice Muller de; STUMPF, Marianne Rossi; LEITE, Tarcísio de Arantes. **Estudos da Língua Brasileira de Sinais I.** Florianópolis: Insular 2013; p. 79-113.

FELIPE, T. A. de S. Os processos de formação de palavras na Libras. ETD – **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p.199-216, Jun. 2006.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FIORIN, J. L. **Linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013.

GÓES, A. M.; CAMPOS, M. de L. I. L. Aspectos da Gramática da Libras. In: LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L. F. dos. (Org.). **Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos**. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

GOLDFELD, M. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The Signs of Language**. Cambridge, USA: Harvard University Press, 1979.

LIMA-SALLES, H. M. M.; NAVES, R. R. **Estudos gerativosde língua de sinais brasileira e de aquisição de português (L2) por surdos**. Goiânia: Cânone Editorial, 2010.

MEDORI, H. **Super Guide – Langue de Signes**: Mots et expressions (Dictionnaire). Bordeaux Cedex, France: Aedis, 2015.

NASCIMENTO, C. B. do. **Empréstimo linguístico do português na Língua de Sinais Brasileira - LSB**: línguas em contato. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília - UnB, Brasília, 2010. 111 f.

PEREIRA, M. C. da C.; CHOI, D.; VIEIRA, M. I.; GASPAR, P.; NAKASATO, R. **Libras**: conhecimento além dos sinais. SãoPaulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. São Paulo: Artmed Editora,1997.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, Lodenir. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. PortoAlegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M.; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F. **Língua brasileira de sinais II**. Curso de Letras Libras. Disciplina do Curso de Letras Libras. Florianópolis: CCE/UFSC-2008. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifica/linguaBrasileiraDeSinaisII/assets/482/Lingua_de_Sinais_II_para_publicacao.pdf>. Acessado em: 19 set 2022.

QUADROS, R. M. **Libras (Linguística para o ensino superior; 5).** Editores científicos: Tommaso Raso, Celso Ferrarezi Jr. São Paulo: Parábola, 2019.

ROSA, A. da S. **Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete**. Dissertação (Mestradoem Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2005.

SOUZA, T. A. F. de; MONTEIRO, M. S. **Libras em Contexto: Curso Básico: Livro do Professor.** 6. ed.Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006. 448 p.

STOKOE Jr., W. C. Sign Language Structure: An outline of the visual communication system of the American deaf. **Studies in Linguistics**, Occasional Papers, Buffalo, NY, USA, N. 8. 1960.

STREIECHEN, E. M. **LIBRAS**: aprender está em suas mãos. Curitiba: CRV, 2013.

VALLI, C. (Editor in Chief). **The Gallaudet Dictionary of American Sign Language**. Washington, DC, USA: Gallaudet Press, 2005.

VALLI, C.; LUCAS, C. **Linguistics of American sign language**: An introduction. Washington, DC, USA: Gallaudet University Press, 2011.

An overview of the main formational structures of Brazilian Sign Language

A B S T R A C T:

In the last decade, the area of Brazilian Sign Language (Libras) has been growing very fast, both with regard to the university-level training of professionals for teaching or interpreting/translating this language, and to research on the teaching of Libras, its linguistic description or artistic and cultural manifestations in that language. In line with this movement, this paper reports the results from a literature review aiming to present an overview of the main structures of lexical-item formation in Libras, its five formative parameters: Hand configuration, Location, Movement, Palm orientation, and Non-manual expressions, among other linguistic resources. Based on studies by Quadros and Karnopp (2004), Faria-Nascimento (2009), Ferreira-Brito (1995), and Capovilla et al (2017), we herein discuss the role of these resources in both the phonology and morphology of this visual language. Based on these descriptions, the linguistic status of Libras is ratified as a natural and human language, and key elements of its structural description are systematized.

KEYWORDS:

Brazilian Sign Language;
Formational parameters;
Lexical item formation;
Phonology;
Morphology;